

LUX JORNAL

A Crítica – Manaus - AM

Publicado: 21/01/2001

| | | |
|-----|--|----|
| 190 | | 59 |
| | | 1 |



Materiais indígenas são levados do Amazonas

CÁSSIA FERNANDES - E ORLANDO FARIAS

Cerâmicas, ossadas humanas, urnas funerárias, pedras e jades raríssimos, conhecidos como muiraquitãs, achados em alguns sítios arqueológicos descobertos na Amazônia, são levados para estudos no Sul do País e podem não retornar

mais para a região. Pelo menos este tem sido o enredo de algumas pesquisas arqueológicas dos últimos anos no Amazonas e em Roraima.

As peças de cerâmica são levadas para estudos em instituições fora do Amazonas e não voltam mais. Foi o que aconteceu com um muiraquitã encontrado na operação de salvamento dos mais de cem sítios arqueológicos na área inundada pelo lago da usina hidrelétrica de Balbina.

Considerado o amuleto das índias guerreiras amazonas, conforme a lenda, ele foi levado para estudos no Rio de Janeiro e nunca mais retornou. Situação pior ainda aconteceu com os sítios arqueológicos da ilha de Maracá, região no Sul de Roraima, onde arqueólogos ingleses coletaram grande quantidade de material cerâmico funerário, despachado na Alfândega por força de um convênio bilateral entre o Brasil e a Inglaterra. As peças de Maracá jamais voltaram ao Brasil.

Até 1978 eram em torno de 15 sítios catalogados na cidade, em áreas como a da estrada da Ponta Negra, lago do Januári e estrada AM-010 (Manaus-Itacoatiara), quase todos pesquisados por um dos pioneiros em pesquisa arqueológica no Amazonas, Mário Ferreira Simões. Todo o material recolhido desses sítios foi catalogado e coletado pelo Museu Emílio Goeldi, em Belém. Os manauenses ficaram sem contato direto com sua história.

"Nosso acervo arqueológico é completamente saqueado", diz um arqueólogo amazonense, que pede o anonimato para evitar problemas com instituições de pesquisa. Segundo ele, desde a colonização muito se tem perdido em termos de arqueologia. "O Governo, as universidades e o Ipham (Instituto do Patrimônio Histórico do Amazonas) já deveriam ter viabilizado um laboratório de pesquisa. É preciso incentivar a pesquisa arqueológica", acentuou o arqueólogo.

O sociólogo Carlos Augusto da Silva, conhecido como Tijolo no meio científico, tem especialização em arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Tijolo é um dos poucos em Manaus que trabalham com pesquisa do gênero junto a arqueólogos da USP que fazem parte do Projeto Arqueológico Amazônia Central (PAC), coordenado pelo arqueólogo Eduardo Neves, do Museu de Arqueologia e Etimologia da USP.

Tijolo afirma que em 1999 cerca de 860 quilos de materiais arqueológicos foram levados para a USP porque em Manaus não existe laboratório, local adequado para estudos, nem pessoas qualificadas para a tarefa. "Bom mesmo é que todo este material fique na própria região. É nossa cultura a ser estudada. São ancestrais e estilos de vidas passadas a serem reveladas", salientou.

LUX JORNAL

A Crítica – Manaus - AM

Publicado: 21/01/2001

| | | |
|--|--|---|
| | | |
| | | / |

Análises na USP demoram mais tempo

O arqueólogo da USP Fernando Valter da Silva, que faz parte do PAC, afirmou que alguns materiais arqueológicos ainda estão em estudos na USP e por conta disso ainda não retornaram. "Estudantes de arqueologia estão analisando o material e fazendo estudos. É necessário fazer essas pesquisas", disse, acrescentando que todo material arqueológico deveria mesmo ficar nos locais onde foi achado. "Mas neste caso, Manaus ainda não possui estrutura de pesquisa, laboratórios e técnicos especializados para isso. "O nosso objetivo é treinar pessoal e espalhar laboratórios de pesquisas para que os próprios amazonenses façam os estudos dos antigos colonizadores da região. Este é o ideal", salientou Fernando, opinando que falta interesse dos governos e universidades para que isso ocorra. "Com essas descobertas creio que o interesse da sociedade pela arqueologia poderá aumentar", disse. Ele afirma também que a partir do PAC sete sítios foram identificados e catalogados em Manaus. Em Iranduba foram descobertos 30 sítios e eles ainda estão em estudos. "A questão é que este projeto ajudou a despertar a arqueologia no Amazonas."

A diretora em exercício do Museu Amazônico, Patrícia Sampaio, informou que é grande o interesse da Universidade do Amazonas (UA) em implantar um laboratório piloto no museu. "Antes destes últimos achados a universidade já estava fazendo um convênio com o Ipham para que o projeto fosse viabilizado", disse. Quanto à UA ter a disciplina de Arqueologia, ela informou que isto também está sendo avaliado, mas que demandaria outro tipo de desenvolvimento. "A Universidade do Amazonas não tem curso de arqueologia. Também não temos arqueólogos graduados que possam lecionar a disciplina", informou.

Amuleto desapareceu

Em novembro de 1991, a mais importante descoberta arqueológica recolhida da área inundada pela hidrelétrica de Balbina, o amuleto muiraquitã, desapareceu misteriosamente do museu da usina que abriga os fragmentos e peças dos 144 sítios localizados na região. O muiraquitã de Balbina é o primeiro descoberto em 50 anos e o único encontrado diretamente por pesquisadores. Os raros exemplares existentes em museus brasileiros foram localizados por caboclos e leigos. O de Balbina foi encontrado pela pesquisadora Jane Conim. Ela conserva hoje a frustração de ter feito uma descoberta grandiosa mas de pouca contribuição para os estudos da civilização que habitou a Amazônia por ter "sumido" antes mesmo de começar a ser analisado.

Um dos achados mais recentes, e que ainda estão em estudo, aconteceu na área rural de Manaus, onde foram encontradas duas peças de cerâmica, sendo uma alguidar, uma espécie de bacia que era usada como utensílio doméstico, possivelmente por índios, uma urna funerária e um colar de dentes. O achado arqueológico encontrava-se em terreno pertencente ao Centro Espírita Beneficente União Vegetal, no ramal Di Ipiranga, Km 4, no Puraquequara, Zona Leste. O representante Centro, Evandro de Jesus de Souza, 47, afirmou que há três anos estava fazendo escavações para construir uma casa e encontrou vestígios de cerâmicas de uma espécie diferente da região.

No mês passado uma urna indígena foi encontrada por pedreiros, nas obras do estacionamento da Assembléia Legislativa, no Centro, o que trouxe à tona discussões antigas sobre os achados e o trabalho arqueológico.

"A sociedade não tem consciência da importância dos achados. Queremos mudar a visão depreciativa das pessoas que classificam as descobertas como coisa de índio", disse o diretor do Museu Amazônico, Francisco Jorge dos Santos, 48, acrescentando que está nos planos do museu montar um laboratório de arqueologia, onde serão tratados adequadamente os materiais.

Na semana passada, a arqueologia do Amazonas viveu seu momento de glória, ao ser descoberto o maior sítio arqueológico já visto no Amazonas. O sítio está localizado na área do conjunto habitacional do Governo, o Nova Cidade, na Cidade Nova, Zona Norte.

Uma equipe do Ipham contabilizou, inicialmente, que poderiam existir cerca de 300 urnas funerárias. As peças são semelhantes a outras já encontradas em diferentes pontos da cidade. Os arqueólogos estimam que a idade das urnas chegue a 1.500 anos.

| | | | |
|---|--|--|---|
| LUX JORNAL A Crítica – Manaus - AM Publicado: 21/01/2001 | | | |
| | | | / |

O QUE É

Os muiraquitãs são artefatos de pedra esverdeados, feitos de jade ou nefrite. De acordo com a tradição indígena, as lendárias guerreiras amazonas extraíam as pedras ainda moles do fundo do lago em cujas margens viviam e lhes davam formas de peixes, cilindros, tartarugas ou sapos, isso antes de ficarem duras com a exposição do ar. O mistério que envolve os muiraquitãs reforça a hipótese de uma origem asiática para uma civilização amazônica pré-histórica, da qual pouco se conhece.

Um muiraquitã é uma das justificativas da história de Macunaíma, o famoso herói sem caráter, personagem do escritor Mário de Andrade cujas aventuras são temas do filme homônimo de Joaquim Pedro de Andrade. No filme, Macunaíma fica viúvo de Ci, uma guerreira que sempre usava um amuleto no pescoço. Quando ela desaparece, tudo que resta é o muiraquitã. Mas um gigante mau e canibal rouba o amuleto. Macunaíma faz de tudo e acaba recuperando a pedra, única lembrança de sua amada.

Fonte: Museu Amazônico